

14 JUN 1965

# Sarney procura ouvir a sua "conexão paulista" para tomada de decisões

São Paulo. — Quatro grandes empresários, um conhecido jurista e um economista que já assessorou o ex-Ministro do Planejamento, Delfim Neto, formam a "conexão paulista" de apoio ao Presidente José Sarney. Um deles, Matias Machline, presidente do Grupo Machline/Sharp, estará hoje em Brasília, para o encontro de empresários com o Presidente. Outro, o ex-Governador Roberto de Abreu Sodré, conversará sozinho, no domingo, com Sarney, levando as críticas dos proprietários de terras ao projeto de reforma agrária.

Como Sodré e Machline, os demais — com exceção do economista Luís Paulo Rosemberg, professor da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo, recém-escolhido para o cargo de assessor especial para assuntos econômicos da Presidência — são amigos de longa data de Sarney. O presidente da Copas (Companhia Paulista de Fertilizantes), Luiz Bocalato, por exemplo, conhece o Presidente há mais de 10 anos.

O mesmo acontece com o jurista Saulo Ramos e com o presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, Dílson Funaro, maior acionista e ex-presidente da Trol, que participou intensamente da campanha da chapa Tancredo/Sarney. Saulo Ramos — em cuja casa Sarney costumava hospedar-se quando senador — passou os últimos dias em Brasília. No seu movimentado escritório de advocacia, em São Paulo, ninguém soube dizer o motivo da viagem.

— Isso tudo é muito comum — esclarece o ex-Governador Abreu Sodré — porque todos mantêm freqüentes contatos com Sarney, alguns desde o tempo em que ele era Governador do Maranhão, a partir de 1965. Somos agora, também, além de amigos, colaboradores voluntários do Presidente, que, quando era senador, sempre que vinha a São Paulo, nos encontrava para um bate-papo no almoço ou no jantar.

Em Brasília, Sodré dirá a Sarney que não se deve fazer reforma agrária com uma simples divisão de terras, mas buscando os meios para assentar o homem no campo.

Na sua opinião, reforma agrária requer também uma política agrícola definida, em que o preço mínimo de qualquer produto precisa ser justo e concedido na hora certa. São necessários, também, recursos de custeio e seguro agrário, para defender o agricultor dos azares, sem deixá-lo sujeito apenas aos juros do mercado financeiro", disse Sodré.

Matias Machline, ferrenho defensor da livre iniciativa, deverá ter grande peso na elaboração de uma política industrial no Governo Sarney. O presidente da Sharp defende a retomada do crescimento econômico e uma imediata redução das taxas de juros, a partir de uma mudança radical da atitude do governo no mercado financeiro. "Não se pode mais suportar que os títulos do Governo rendam até 30% acima da inflação", adverte.

Já instalado na presidência do BNDES desde o começo da Nova República, Dílson Funaro representa a parte oficial da "conexão paulista". Mas está perfeitamente integrado aos objetivos privados do Grupo, pois é considerado um dos empresários mais combativos do país. Defende também o crescimento da economia, embora se preocupe agora, também, com a redução dos gastos públicos.

Funaro pretende dar andamento a todos os projetos prioritários do BNDES, inclusive os grandes projetos de empresas que queiram se modernizar para melhorar sua competitividade no exterior. Mas seu objetivo básico é o de estímulo às pequenas e médias empresas, gerando mais empregos e resolvendo problemas sociais graves.

Já Luís Paulo Rosemberg, mesmo tendo sido assessor econômico do ex-Ministro do Planejamento, Delfim Neto, ganhou o cargo de assessor para assuntos econômicos de Sarney em função dos pontos de vista que defendeu na primeira reunião na Granja do Torto, há 15 dias. Sócio da firma de consultoria Mendonça de Barros e Eris Associados (MBE), Rosemberg propõe a redução urgente das taxas de juros, com o objetivo de equacionar as finanças públicas. É um crítico contumaz do Banco Central, por permitir a elevação das taxas.